

II - DIRETRIZES APROVADAS

- 01) A garantia aos índios isolados do pleno exercício de suas liberdades e das suas atividades tradicionais.
- 02) A constatação da existência de índios isolados, não determina, necessariamente, a obrigatoriedade de contatá-los. Criar-se-são sistemas específicos e diferenciados de proteção conforme a situação de cada caso.
- 03) A promoção de ações sistemáticas de campo destinadas a localizar geograficamente e obter informações sobre índios isolados.
- 04) Determinar que as terras habitadas por índios isolados, serão garantidas, asseguradas e protegidas em seus limites físicos, riquezas naturais, na flora, fauna e mananciais.
- 05) Determinar que a saúde dos índios isolados, considerada prioritária, será objeto de especial atenção, decorrentes de sua especificidade.
- 06) Determinar que a cultura dos índios isolados nas suas diversas formas de manifestação, será protegida e preservada.
- 07) Proibir no interior da área habitada por índios isolados, toda e qualquer atividade econômica e comercial.
- 08) Determinar que a formulação da política específica para índios isolados e a sua execução, independe da sua fonte de recursos e será desenvolvida e regulamentada pela **FUNAI** nos termos de Portaria.
- 09) À Coordenadoria de índios isolados, caberá promover a normatização, detalhamento e diretrizes da Portaria.



3

I ENCONTRO DE SERTANISTAS

Brasília, 22 à 27 de junho/87

DOCUMENTO FINAL

Ilm^o Sr^o

Dr. ROMERO JUCÁ FILHO

MD. Presidente da FUNAI

A profissão de sertanista se confunde com a própria história do indigenismo oficial brasileiro neste século. O intuito daqueles homens, que no início deste século mudaram oficialmente a política governamental relacionada a índios, para uma postura filosófica e prática, baseada no positivismo, era imbuída da intenção verdadeira de proteger as comunidades indígenas, ao contrário de políticas anteriores onde muitas vezes nem o status de seres humanos lhes era permitido.

A figura de Cândido Rondon, nosso patrono, patrono do indigenismo neste país, patrono da FUNAI; já sobejamente conhecida e admirada; seu empenho como militar e patriota; bem dá a mostra da importância do procedimento para com os índios que se passou a ter a partir do início do século XX e mais precisamente a partir da criação do Serviço de Proteção ao Índios, em 1910.

A partir desta data; a partir da figura mitológica de Rondon, mudaram-se os conceitos e os grupos indígenas brasileiros passaram a ter uma proteção até então inimaginada.

Com a crescente interiorização do país, as fronteiras econômicas foram se expandindo e, logicamente as áreas habitadas por índios, no sul, no Brasil central, no sudeste e amazonia, foram objeto desta expansão. Iniciou-se então um processo de atração sistemática de índios isolados, onde inúmeros sertanistas tiveram papel de especial relevo. Como exemplo, temos Antônio Martins Estigarribia, que contactou os Krenak do Rio Doce em 1911; Eduardo de Lima e Silva Hoerhann, que contactou os Xokleng de

Ibirama-SC em 1912; Manoel Rabelo e Luiz Horta Bueno Barbosa, que contactaram os Kaingang do oeste paulista em 1912; Helmano dos Santos Mascarenhas e SEverino Godofredo D'albuquerque, que contactaram is Umutina do Mato Grosso em 1918; os Parintintin do Rio Madeira, no Amazonas, contactados por Kurt Nimuendaju em 1922; Francisco Meirelles que, em 1946 concluiu a atração dos Xavante do Mato Grosso; Cicero Cavalcanti que em fins de 1952 atraiu os Kubén-Kran-Kéng do Pará; Miguel Araújo e Leonardo Villas Boas, que em 1953 contactaram os Xikrin do Itacaiunas, no Pará; Telesforo Martins Fontes, com os Baenan Hãehãe, do sul da Bahia em 1934; Orlando e Cláudio Villas Boas com os Txikão e Jurunas do Xingu; Hilmar Kluck que participou da atração dos Gorotire; Frei Gil Gomes que teve fundamental importância na atração dos Gavião e Suruí-Mudjetire de Marabá/PA; Benedito Jesus de Araújo que em 1928 concluiu a atração dos Urubu-Kaapor do Maranhão; Zé Bel, Apoena Meirelles que atraíram os Cinta Larga e Suruí de Rondônia junto com Francisco Meirelles; e tantos outros, como Alipio Bandeira no Amazonas, Osmundo Antônio dos Anjos, Felipe Passinho, Oneide Castelo Branco; e tantos outros companheiros que no passado e presente, fizeram este trabalho de aproximação pacífica de duas sociedades opostas e conflitantes.

Nós, que exercemos esta profissão tão especial, não podemos também nos esquecer de inúmeros companheiros que perderam suas vidas no estrito cumprimento do dever, tais como Fioravante Esperança, morto a golpes de borduna com sua turma em 1914 no Ribeirão dos Patos, por Kaingangs recém-contactados; Genésio Pimentel Barbosa e sua equipe, mortos por Xavantes em 1941; Humberto Brighia e seus familiares, em 1942 pelos Waimiri do Amazonas; Gilberto Pinto Figueiredo, em 1974; Jaime Pimentel, no Javari em 1975; Possidônio Bastos e Acrisio Nunes no Aripuanã/RO; e tantos outros que só a memória pode resgatar.

Estes exemplos de dedicação e profissionalismo, romantismo e senso de dever, nos levam hoje a inúmeras reflexões sobre nosso trabalho, nossa profissão e, principalmente, sobre a situação dos índios isolados, os quais são, em essência, o objeto

de nosso trabalho.

Aprendemos, nestes anos todos de história do indigenismo oficial no Brasil, que a atração de índios isolados ocorre normalmente por dois fatores: primeiro, quando estes índios estão em territórios objetos da cobiça de algum empreendimento econômico privado, atrapalhando o seu pleno desenvolvimento e; segundo, quando ocupam áreas de interesse de empreendimentos governamentais. Tanto num caso como no outro, o SPI e depois a FUNAI, envidaram esforços para alocar seus sertanistas com a finalidade de contactar estes índios, tanto para livrá-los das ameaças das frentes de expansão, como para dar condições de desenvolvimento a projetos governamentais e privados, sem este entrave.

Servidores que somos, jamais nos recusamos a cumprir ordens, principalmente porque sabíamos que, normalmente, quando devíamos atuar, o grupo com o qual iam manter contato, encontra-se de tal forma ameaçado em seu território e espaço, que poucas chances de sobrevivência física teria, se não fosse a interferência, aí salutar, das frentes de atração.

Temos plena consciência dos preconceitos, discriminações e todas as diferenças que envolvem a sociedade nacional e as sociedades indígenas.

Mas, nossa experiência comprova, que, o ato do contato, a busca de uma aproximação mesmo pacífica, entre um grupo de índios isolados, e as frentes de atração. trás em si uma verdade inquestionável: aquele grupo já está enfraquecido, alquebrado e vencido! À ele, pouco resta, a não ser tentar se recompor ao lado da sociedade mais forte e, ao nos buscar, se recompor ao lado daqueles membros da sociedade mais forte, que pelo menos os presenteou, os respeitou e não os agrediu.

Embora tenhamos consciência do heroísmo e do sacrifício de inúmeros companheiros, nunca poderemos nos esquecer de que, quando estamos em processo de atração, estamos na verdade de sendo pontas-de-lança de uma sociedade complexa, fria e determinada; que não perdoa adversários com tecnologia inferior. Estamos invadindo terras por eles habitadas, sem seu convite, sua a

nência. Estamos lhes inculcando necessidades que jamais tiveram. Es tamos desordenando organizações sociais extremamente ricas. Esta mos lhes tirando o sossego. Estamos os lançando num mundo diferen te, cruel e duro. Estamos muitas vêzes, os levando à morte.

Coincidentemente foi em 22 de junho de 1910 que foi fundado o SPI. Em 22 de junho de 1987, portanto 77 anos depois, iniciamos o **I ENCONTRO DE SERTANISTAS**. Para nós esse evento, ocor rido graças ao empenho de Vossa Senhoria e à dedicação do compa nheiro **Sydney Ferreira Possuelo**, está sendo de capital importân cia. Esta reunião de velhos companheiros, alguns sem se encontra rem há muitos anos; estas trocas de experiências que este Encontro provocou, nos dão a certeza de que é necessário e imediato executar mudanças de estratégia para nosso trabalho, e, essencialmente, fa zer uma revisão de seus conceitos, causas e consequências.

Nestes 6 dias deste Encontro, inúmeras questões foram avaliadas por nós e chegamos a algumas conclusões básicas:

- A experiência de contato, para o índio é preju dicial. Toda sua estrutura social, cultural e econômica, é alte rada em função da nova realidade. A recomposição é dolorosa.

- É necessário que o conceito de proteção ao ín dio isolado seja reformulado. Concordamos, que, se ele é mais fe liz, vive melhor e não está ameaçado; deveremos evitar que isto se ja destruído. A FUNAI, deveria implementar medidas de proteção aos índios isolados cujos territórios não estejam ameaçados ou cujas ameaças possam ser contornadas. Estas medidas de proteção, prioritárias a qualquer outra medida, visando à que o índio possa se manter em sua plenitude; invocará a postura da FUNAI na relação com os índios isolados e, temos certeza, contará com o to tal apoio da opinião pública esclarecida e da academia.

- O ato de contato, só deverá ocorrer, quando com provadamente, aquele grupo isolado não tiver mais condições de su portar o cerco de fazendas, invasões de seu território, etc. Quan do compulsões incontroláveis ocorrerem, aí então, o ato de se man ter contato, seria uma medida essencial de proteção. Entendemos,

que não há porque se fazer contatos com grupos isolados, apenas por fazer.

- É necessário um imediato mapeamento de todos os grupos isolados no Brasil.

- A partir do mapeamento dos índios isolados, a FUNAI deverá interditar imediatamente os territórios onde vivem, para poder exercer um sistema de vigilância e proteção em torno do mesmo, no sentido estrito de preservar o grupo isolado que se encontra ali incluso.

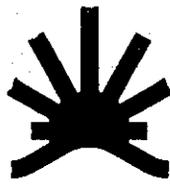
- Se, ficar comprovado que a ação de contato é a única medida possível para resgatar um grupo isolado, enquanto sociedade, a FUNAI deverá fazer este trabalho com total e absoluta prioridade. Afinal, trata-se de um povo ameaçado de extinção que temos a obrigação legal e moral de resgatar e manter intacto.

- Entendemos que os grupos isolados, são hoje um patrimônio cultural, humano, histórico; não apenas do Brasil, mas de toda a humanidade. Neste sentido, a FUNAI deverá executar todo o esforço para lhes assegurar esta condição.

- Se o contato for inevitável, apesar de todas as dificuldades, este ato em si ocorrerá naturalmente. Os efeitos posteriores; ensinam a história e nossa experiência, são sempre frustrantes para estes índios: adoecem das moléstias para nós mais mais simples e, por não terem anticorpos, morrem facilmente. Temos milhares de exemplos de grupos inteiros mortos, em passa do recente por gripes, sarampos, conqueluche etc. Em vista disto, no trabalho de contato, a questão de saúde é essencial e priori tária, não devendo a FUNAI jamais negar recursos para esta finali dade.

- Havendo o contato, nosso trabalho deverá ser essencialmente educativo, no sentido de tornar aquele índio, des de o princípio do contato, auto-suficiente e independente de um paternalismo que, se introduzido sem critérios, pode levá-los à decadência, à degradação e à completa desestruturação.

- Como o trabalho de proteção, vigilância, locali zação e contato com os índios isolados, é um trabalho da mais alta responsabilidade e requer um conhecimento especializado, o mesmo



FUNAI
Fundação Nacional do Índio
MINISTÉRIO DO INTERIOR

só poderá ser executado por servidores devidamente preparados, com equipes adequadas e com todo o equipamento necessário à segurança da equipe e dos índios isolados. Este não é um trabalho para amadores! a FUNAI deve ir pensando na renovação de seus quadros de sertanistas.

- Entendemos também, que a FUNAI, como órgão responsável pela proteção de todos os índios, isolados ou não, deve ter toda a força e o poder necessários ao bom desenvolvimento de seu trabalho; força esta de ordem política e financeira. Devido a especificidade do trabalho que desenvolve, ao imenso patrimônio fundiário que tem sob sua responsabilidade, devido a imensa riqueza pela qual é responsável, a FUNAI deveria ter seu reconhecimento público e oficial mais acentuado. Este é o empenho de cada um de nós.

- Entendemos também que os índios, isolados ou não, são em sua essência, guardiões para o país, de imensas riquezas florestais, hídricas, da fauna, da flora. Dia ainda chegará em que se lamentará os males que foram feitos de um progresso onde não se prioriza o humano.

- Como a proteção dos índios isolados, proteção esta de que forma se der, é do interesse de toda a sociedade brasileira e não apenas da FUNAI; entendemos estar sempre dispostos a ouvir, receber colaborações e ensinamentos, desde que a nossa autoridade de decisão não seja maculada. E, devemos envolver o mundo acadêmico em nosso trabalho.

Sr. presidente da FUNAI: dos 19 participantes deste I ENCONTRO DE SERTANISTAS, muitos de nós dedicaram praticamente toda a sua vida profissional ao trabalho junto aos índios isolados. Alguns de nós, temos no corpo as marcas deste trabalho; cicatrizes recebidas no estrito senso de dever. Por isso mesmo não queremos que estes índios, aos quais dedicamos todos estes serviços e vida, venham a desaparecer ou sofram mais compulsões e sofrimentos do que já sofreram. Acreditamos que a FUNAI tem as condições, os meios, a força política e moral necessárias à executar as medidas para que a sua preservação enquanto sociedades plenas

sejam mantidas.

Temos certeza da grandeza de Vossa Senhoria em entrar para a história, como o responsável por uma tomada de posição na busca por melhores dias para os índios isolados que ainda permanecem vivos e intactos, neste nosso país.

Agradecemos todo o esforço que foi empreendido para que este **I ENCONTRO DE SERTANISTAS** ocorresse. Agradeceremos ainda mais, se as medidas por nós discutidas e que serão apresentadas a Vossa Senhoria como uma forma moderna e atual de sistematizar a proteção de índios isolados, sejam implementadas com a urgência que a matéria requer.

Temos a absoluta certeza de que a **FUNAI** que Vossa Senhoria dirige, dará aos índios isolados do Brasil, um tratamento especial e diferenciado, para mantê-los inteiros e vivos em todas as suas manifestações e em seus territórios tradicionais.

Esperamos que, após este **I ENCONTRO DE SERTANISTAS**, tenhamos mais força e conhecimentos para que as decisões tomadas sejam levadas a efeito e realmente venham beneficiar os índios isolados.

Parecemos humildes e desprovidos do charme urbano. Mas temos a força do conhecimento, da experiência e desta mesma humildade. Temos muito à oferecer à **FUNAI** e aos índios deste país.

Brasília, 27 de junho de 1987

SERTANISTAS:

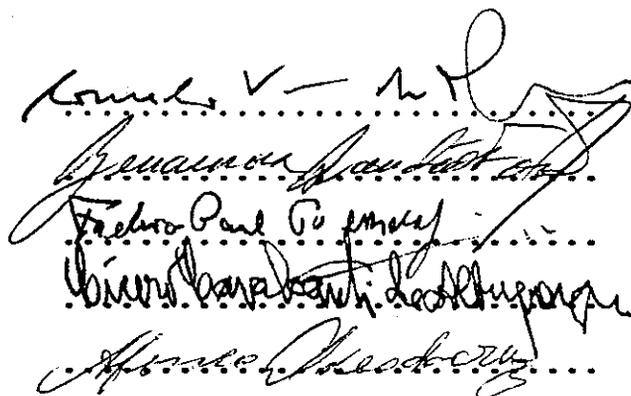
CORNÉLIO VIEIRA DE OLIVEIRA

BENAMOUR BRANDÃO FONTES

FREDERICH PAUL TOLKSDORF

CICERO CAVALCANTE DE ALBUQUERQUE

AFONSO ALVES DA CRUZ



.....
.....
.....
.....
.....



JOÃO EVANGELISTA DE CARVALHO
FIORELLO PARISE
RAIMUNDO GOMES DO NASCIMENTO
SEBASTIÃO AMÂNCIO DA COSTA
FRANCISCO BEZERRA DE LIMA
RAIMUNDO NONATO NUNES CORRÊA
ESTEVÃO DA SILVA RODRIGUES
JULIO REINALDO DE MORAIS

João Evangelista de Carvalho
.....
Fiorello Parise
.....
Raimundo Gomes do Nascimento
.....
Sebastião Amâncio da Costa
.....
Francisco Bezerra de Lima
Raimundo Nonato Nunes Corrêa
.....
Estevão da Silva Rodrigues
.....
Julio Reinaldo de Moraes.....

PARTICIPANTES CONVIDADOS:

SHEILA MARIA GUIMARÃES DE SÁ
MARCO ANTÔNIO REZENDE MAIA
ANTÔNIO PEREIRA NETO
JOSÉ CARLOS DOS REIS M. JÚNIOR

Sheila Maria Guimarães de Sá
Marco Antônio Rezende Maia
Antônio Pereira Neto
.....
José Carlos dos Reis M. Júnior
.....
[Signature]
.....

COORDENADOR GERAL DO ENCONTRO

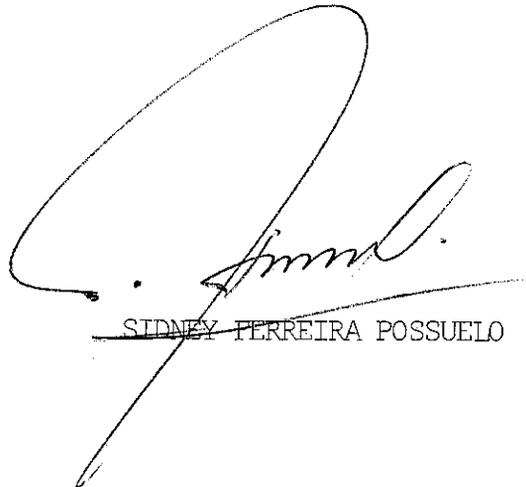
SYDNEY FERREIRA POSSUELO - SERTANISTA

Brasília, em 07/07/87.

Sr. Ricardo,

Conforme sua solicitação, estou encaminhando o DOCUMENTO FINAL
DO I ENCONTRO DE SERTANISTA.

Cordialmente,



SIDNEY FERREIRA POSSUELO